

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

RAFAEL COSTA/DIVULGAÇÃO/JC



Em alusão aos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, projeto *Nativismo em Cena* abre calendário de 2026 do IEM com o *Concerto (L)ESTE*, de Alejandro Brittes

Celebração do ritmo que identifica o povo gaúcho

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

O Instituto Estadual de Música (IEM) abre seu calendário cultural de 2026 com o projeto *Nativismo em Cena*, celebrando os 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis. Sob a regência de Fernando Cordella, a Orquestra Barroca se une ao espetáculo *Concerto (L)ESTE*, do acordeonista e compositor argentino radicado no Brasil Alejandro Brittes, em apresentação única no palco do Teatro Simões Lopes Neto (Rua Riachuelo, 1.089) nesta terça-feira, às 20h.

A apresentação, com entrada franca (mediante reserva pelo site do Teatro São Pedro), propõe uma narrativa musical sobre o encontro entre a cosmogonia indígena e a tradição europeia, marcando o início da agenda das Terças Missionárias no Complexo Eva Sopher. Segundo a diretora do IEM, Adriana Sperandir - que também é diretora da Casa de Cultura Mario Quintana

(CCMQ) e do Departamento de Artes e Economia Criativa (Daec) da Sedac -, a escolha de fevereiro carrega um simbolismo histórico devido à memória da resistência liderada por Sepé Tiaraju (morto em 7 de fevereiro de 1756) e à Batalha de Caibaté (última grande batalha de resistência dos Sete Povos Missionários contra o Tratado de Madri, marcando o fim as Missões Orientais).

“Abrir esse calendário com Alejandro Brittes e orquestra é afirmar que o legado desta experiência está vivo no chamamé (ritmo com raízes na cultura indígena Guaraní e influências jesuíticas e europeias) e em cada um de nós”, afirma a gestora. “Poder hoje abraçar com a música e sentir-nos parte deste legado é tratar de trazer também a memória e a importância do que esses povos deixaram para o Estado, em nossa identidade, em nossa sociedade, em nossa idiossincrasia hoje”, concorda Brittes, que se dedica ao gênero há mais 35 anos.

O artista destaca que (L)

ESTE é um concerto *crossover*, inédito, que narra musicalmente a história do chamamé e das Missões Jesuíticas, explorando as semelhanças estruturais entre a música popular fronteiriça e o período barroco. Ele explica que o diálogo com a orquestra flui com naturalidade pois o chamamé tem características musicais que são próprias do barroco, como a tonalidade e o baixo contínuo. “O baixo contínuo é um colchão de notas que dá um sustento harmônico a uma melodia principal. Esse colchão representa o homem, o mundano; e a melodia principal tenta alcançar a Deus. No guarani, eles trabalham com os pés na terra e cantam para chegar ao universo. Por isso foi muito fácil trabalhar essa musicalidade”, observa o acordeonista, destacando a verticalidade espiritual presente nas duas vertentes.

Ainda de acordo com o compositor, o repertório do espetáculo desta terça-feira é estruturado de forma cronológica para narrar

a história missionária. A abertura ocorre com Brittes interpretando sozinho um chamamé de folclore sem autor, seguida por *Vientos del Este*, inspirada nos diários do padre Antonio Sepp sobre a travessia do Atlântico para chegar à América. O programa avança para o encontro de culturas com duas obras de Domenico Zipoli (compositor jesuíta que atuou tanto na Europa quanto na América), interpretadas pela Orquestra Barroca, e a peça *Rio acima*, que descreve as viagens dos padres em balsas pelos rios, fazendo música para atrair os fiéis. “Os Guaraní iam até as margens dos rios e acompanhavam a música batendo na água com uma vara de bambu”, descreve Brittes.

Dentro do repertório, o peso da resistência ganha voz na composição *Caibaté*, criada especialmente para transmitir a angústia e a perda após a histórica batalha. A narrativa musical segue com *Maravilha*, que reflete o esforço em preservar a memória e a fé, e *Gotas de verão*, que prepara o caminho para a música *Amanhece*, simbolizando o despertar do chamamé como “um resultado positivo” da decisão de manter a memória coletiva. O espetáculo segue com um chamamé clássico, antes de abordar a migração para as gran-

des cidades com *O vento e as folhas*. A sequência culmina em *Mi cielo*, que explora a métrica 6/8 como ferramenta de transe e conexão espiritual, e encerra o ciclo com a emblemática *Missões*. Para Brittes, essa sonoridade une a macrorregião (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) que ignora fronteiras rígidas. “Os rios são pontos de encontro. Apesar de falarmos idiomas diferentes, em nossos corações e em nossa memória, compartilhamos as mesmas características”, pontua.

Além da atuação nos palcos, Brittes é coautor do livro *A origem do Chamamé*, onde reforça o orgulho pela influência dos povos originários no cotidiano sul-americano. O acordeonista avalia que as comemorações deste ano são uma oportunidade para que as novas gerações compreendam a música como uma ferramenta de conexão com a terra e o universo. Segundo ele, o espetáculo *Concerto (L)ESTE* não é apenas uma apresentação retrospectiva, mas uma afirmação de que a identidade gaúcha e platina é, em sua essência, uma construção coletiva que ainda está em movimento. “Os jovens têm que se sentir livres para compor, para expressar seus sentimentos e fazer feliz as pessoas, abraçando o universo”, observa.